

DANÇA Diretor do Ballet National de Nancy, que se apresenta na cidade de 23 a 25 deste mês, fala de seu trabalho

Lacotte traz história do balé francês a SP

BALE

Dois 'Béjarts' se mostram em SP

'Le Presbître' troca erudição por humanismo

especial para a Folha

A temporada que o Béjart Ballet Lausanne está realizando em São Paulo, nesta semana, serve para observar dois momentos não apenas coreográficos, mas também musicais de Maurice Béjart, que comemora neste ano os seus 70 anos.

No programa que será apresentado hoje, o elenco do coreógrafo francês interpreta "O Mandarin Maravilhoso", de Béla Bartók, "Mallarmé 3º", sobre música de Pierre Boulez, além de "Barroco Bel Canto", ao som de obras barrocas de compositores como Vivaldi e Haendel.

Em "Le Presbître n'a Rien Perdu Son Charme ni le Jardin Son Éclat" (O presbitério não perdeu seu charme nem o jardim seu esplendor), programa de amanhã, sábado e domingo, Béjart dá uma guinada.

Uma guinada que se mostra na escolha da trilha sonora, em nada semelhante à apresentação de hoje: as músicas do grupo Queen.

Donn e Mercury

A coreografia de "Le Presbître" é uma homenagem ao bailarino Jorge Donn e ao cantor Freddie Mercury, líder do conjunto de rock Queen.

Mercury, assim como Donn, morreu de Aids aos 45 anos. E Maurice Béjart faz das canções pop da banda inglesa um dos elementos de seu novo balé — que, ao contrário de suas obras ante-

riores, foge das propostas conceituais.

Tudo indica que, em vez de mergulhar no fascínio intelectual que autores eruditos lhe provocam, Maurice Béjart optou, nessa nova coreografia, por uma sonoridade que fala direto à nova geração.

Essa opção parece indicar que uma sonoridade que abre a possibilidade de cultivar a "alta cultura" acabou por se tornar subjetiva perante os flagelos do mundo, quando se aproxima a virada do século.

Música concreta

Mais humanista e menos intelectual, "Le Presbître" está distante da época em que Béjart descobriu a música concreta francesa e que fez de Pierre Henry e Pierre Schaeffer dois de seus compositores prediletos.

Sobre a música destes autores, Maurice Béjart comentaria: "O som em estado puro gera o gesto puro".

Considerando a opção atual pelas canções do Queen, tudo indica que Béjart deixou-se contaminar pelas misturas híbridas que o pós-modernismo ajudou a disseminar.

(ANA FRANCISCA PONZIO)

Espectáculo: Béjart Ballet Lausanne

Quando: hoje, amanhã e sábado, às 20h30, no domingo, às 17h

Onde: Teatro Municipal de São Paulo (praça Ramos de Azevedo, s/nº; região central da cidade de São Paulo, tel. 011/222-8698)

Ingressos: de R\$ 20,00 a R\$ 120,00



Reprodução

ANA FRANCISCA PONZIO
especial para a Folha

O Ballet National de Nancy, que está em São Paulo no dia 23 de abril, é dirigido por uma personalidade importante e ao mesmo tempo curiosa: Pierre Lacotte, 65.

Nos anos 50, Lacotte foi primeiro bailarino do Ballet da Ópera de Paris do Metropolitan Opera House, de Nova York, e também fundador do Ballet da Torre Eiffel.

Em 1985, a princesa Caroline de Mônaco, o convidou para dirigir o Ballet de Monte Carlo, onde ficou até 1991, quando retornou à França para assumir a direção do Ballet Nacional de Nancy, em substituição a Patrick Dupond, superstar da Ópera de Paris.

Como coreógrafo, Lacotte acabou se tornando uma das maiores autoridades na reconstrução de obras clássicas. Hoje, além de dirigir o elenco de Nancy, atua como consultor internacional de companhias que querem montar obras do repertório clássico, como "Giselle" e "La Sylphide".

Játo formal, peruca escondendo a calvície, terno e gravata como traje habitual, Lacotte esconde em sua aparência uma profunda cultura sobre dança, além de uma paixão pelas obras românticas.

"Os balés românticos são eternos porque são belos, poderosos e também porque têm um senso metafísico e intelectual que toca o coração e a alma. Nos fazem sonhar e o sonho é uma necessidade humana. Sempre temos que imaginar coisas mais bonitas do que a vida real", disse Lacotte à Folha, por telefone, de Paris.

Lia a seguir trechos de sua entrevista.

★

Filha - Quais são suas fontes para remontar uma obra antiga?

Perre Lacotte - As obras clássicas são paixão de minha juventude, quando tive a chance de dançar na Ópera de Paris e trabalhar com grandes professores, como Gustav

Ricaux (1884-1961), que formou nomes como Roland Petit e Jean Babilée.

Também trabalhei com Lioubov Egorova (1880-1972), bailarina e professora russa que havia convidado com Marius Petipa (o criador de "Giselle") e que me transmitiu integralmente um repertório precioso, de Jules Perrot a Petipa.

Folha - O senhor possui muitos textos e anotações?

Lacotte - Sim, tenho muitos escritos sobre estilo, detalhes como a lentidão ou rapidez dos passos nos balés antigos, sobre a articulação necessária para se obter a harmonia específica daquelas obras, enfim, tudo o que é necessário para preservar até mesmo o mistério dos clássicos.

Folha - Qual o maior desafio em montar um clássico nos dias de hoje?

Lacotte - É fazer reviver o perfume, o frescor e a juventude da obra clássica, resgatando suas qualidades primordiais.

Folha - Como é para um intérprete contemporâneo assimilar um papel clássico?

Lacotte - É um trabalho duro, que implica em esquecer a si mesmo, esquecer a época em que estamos vivendo, para retraduzir em seu íntimo uma maneira de ser, de andar, de movimentar as mãos, de se comportar com uma delicadeza específica.

Nesse processo, é fundamental resgatar um estilo de época, porque se o bailarino se movimenta de forma mais dura, mais moderna, perde-se o clima de uma obra antiga.

Um bailarino atual que pretenda dançar uma obra romântica tem que fazer uma abstração para tentar tornar-se o que fomos ontem.

Espectáculo: Ballet National Nancy

Quando: dias 23 e 24, às 21h ("Giselle"), e 25, às 21h (programa contemporâneo)

Onde: Teatro Municipal de São Paulo (pça. Ramos, s/nº; tel. 011/222-8698)

Quanto: R\$ 10 a R\$ 80

Figurino de Versace para a coreografia 'Le Presbître', de Béjart